

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 41 – Junho / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2020

O USO DA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA NA INTERPRETAÇÃO DO PENTATEUCO: O DIA DA EXPIAÇÃO ENTRE AS SOMBRAS DA REALIDADE FUTURA

Me. Renato Araújo Torres de Melo Moul
Dr^{ando} Arthur Levy Brandão Kullok

O USO DA ANÁLISE
SEMIOLINGUÍSTICA NA
INTERPRETAÇÃO DO
PENTATEUCO: O DIA DA EXPIAÇÃO
ENTRE AS SOMBRAS DA REALIDADE
FUTURA

The use of the semiolinguistic analysis in the interpretation of the Pentateuch: the day of atonement among the shadows of future reality

*Me. Renato Araújo Torres de Melo Moul¹
D^rando Arthur Levy Brandão Kullo²*

¹ O autor é Graduando em Teologia (FATIN/CETEADALPE), Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade de Coimbra/UFRPE), Pós-graduação em Ciência das Religiões (FATIN) e Mestrado em Ensino de Ciências (UFRPE). E-mail: torresmoul@gmail.com

² O autor é Bacharel em Direito (Instituto de Ensino Superior de Alagoas), Mestrado em Direito (Universidade de Coimbra/Max-Planck-Institut für ausländisches und internationales Strafrecht) e Doutorando em Ciências Jurídico-Criminais (Universidade de Coimbra/UFPE). E-mail: arthur.kullok@hotmail.com

RESUMO

O Antigo Testamento possui as bases fundamentais da revelação escriturística de Deus para a cosmovisão judaico-cristã. Compreender as raízes veterotestamentárias é de vital importância para alcançar o pleno significado do plano salvífico, revelado na Nova Aliança. Sob a lente de uma hermenêutica clássica, amparada no método histórico-gramatical, a exegese de textos veterotestamentários serão refletidas na construção de significados importantes para a teologia que se debruça sobre o Novo Testamento. Neste sentido, mais especificamente em relação ao Pentateuco, escolheu-se a temática do Dia da Expição, revelada no livro de Levítico, a fim de sugerir-se um plano de interpretação de seu significado em relação ao Novo Testamento. Utilizou-se a análise semiolinguística do discurso, propondo categorias empírico-teóricas, emergidas após a leitura flutuante dos textos adotados de três comentários bíblicos e três Bíblias de estudo. Percebendo-se, ao final, que algumas dessas Bíblias não apresentam a devida correlação com a aplicação neotestamentária, enquanto os comentários bíblicos apontam os devidos encaixes da tipologia, contribuindo para uma melhor assimilação do texto bíblico.

Palavras-chave: Antigo Testamento. Dia da expiação. Semiolinguística. Interpretação. Tipologia.

ABSTRACT

The Old Testament has the fundamental basis of the scriptural revelation of God for the Judeo-Christian worldview. Understand the roots of the Old Testament it's of vital importance to reach the full meaning of the salvific plan revealed in the New Alliance. Under the lens of a classical hermeneutics, supported by the historical-grammatical method, the exegesis of Old Testament texts will be reflected in the construction of important

meanings for New Testament theology. In this sense, more specifically to the Pentateuch, the theme of the Day of Atonement, revealed in the book of Leviticus, was chosen in order to suggest a plan of interpretation of its meaning in relation to the New Testament. We used the Semiolinguistic theory of discourse, proposing empirical-theoretical categories, emerged after a floating reading from the adopted texts of three biblical commentaries and three bibles of study. In the end, some of these bibles do not correlate properly with the New Testament application, while the biblical commentaries point out the proper fittings of the typology, contributing to a better assimilation of the biblical text.

Keywords: Old Testament. Day of atonement. Semiolinguistics. Interpretation. Typology.

INTRODUÇÃO

Há uma fonte cheia do sangue
Que brota das veias do Emanuel;
e todo pecador,
banhado na torrente,
está livre das manchas
da culpa de réu.

William Cowper

As Escrituras Sagradas estão bem presentes no contexto religioso cristão e desde a Reforma Protestante permanecem sendo o elemento central do culto – ou pelo menos é o que se busca – na tentativa regrada daqueles que aspiram cumprir o que está escrito em Colossenses 3.16.

O uso fidedigno das Escrituras requer o equilíbrio temperado entre a aplicação das ferramentas didáticas de estudo e a iluminação do Espírito por aqueles que se configuram, por prática, como leitores-intérpretes, considerando sempre que o texto

lido remonta de um contexto cultural, histórico e linguístico originado há milênios de anos atrás. O que se perde na consideração desses elementos – ao interpretar-se o texto – perde-se no alcance do verdadeiro significado que o Verbo nos quis revelar.

Sobre a matriz hermenêutica³ de estudo da Bíblia Sagrada, os mais variados recursos teórico-metodológicos são sugeridos. Polêmicas e controvérsias rondam os diálogos relacionados à exegese do texto bíblico. Qual a metodologia mais apropriada? Essa pergunta é respondida a partir do objetivo com o qual se interpreta o texto: compreender a voz divina na boca – e mãos – dos escritores ou adaptar um significado extrínseco ao texto para os leitores e ouvintes desprovidos de recursos próprios de análise e interpretação. O primeiro requer do exegeta humildade e fidelidade em reconhecer até que ponto podemos avançar na compreensão e a partir de onde se deve inclinar diante da grandeza de significado que não se alcança. O segundo objetivo (*só para fazer lembrar sobre o que estamos falando*), pode ser perigoso, visto que degrada a mensagem central e eterna, a qual pode ser má utilizada pelo descuido interpretativo, seja por acréscimo, subtração e/ou deturpação da voz autoral.

Dentre uma miríade de métodos de interpretação do texto bíblico, três podem ser destacados como os mais utilizados, desde os primórdios da história da Igreja até aos dias atuais. O **método alegórico**, amplamente difundido entre os exegetas medievais, superestimava o sentido figurado do texto em detrimento do sentido literal.⁴ O **método histórico-gramatical**, influente na Reforma Protestante, buscou dissolver o misticismo metodológico da interpretação alegórica e passou a valorizar o sentido literal do texto, reconhecendo que o mesmo, somente

³ Hermenêutica é um conjunto de teorias relacionadas ao ofício da interpretação, que por sua vez, se vale de um conjunto de regras aplicadas: o método, denominado de exegese (LUND, Eric; NELSON, P. Hermenêutica: princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. 2.ed. Tradução de Etuvino Adiers. São Paulo: Vida, 2006.). Para conhecimento dos termos: HERMANN, Nadja. Hermenêutica e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

⁴ GADAMER, 2007; NASCIMENTO, 2017; NUNES, 2007.

assim, pode ser compreendido de forma fidedigna quando a intenção do autor for inspirada pelo Espírito Santo.⁵ E por último, o **método histórico-crítico**, também conhecido como Alta Crítica, advindo do Iluminismo e promovido pelo liberalismo teológico, que se embasa na defesa do racionalismo como única e suficiente ferramenta de análise e interpretação do texto bíblico.⁶ Utilizado tanto por deístas⁷ como por teólogos agnósticos, caminha na direção de compreender não o significado do texto, mas sim questionar os métodos de sua produção. Para isso, utiliza a crítica das fontes, da forma e da redação do texto bíblico. Sua principal marca é o subjetivismo do leitor-intérprete, que dá ao texto múltiplos significados.

Para a análise interpretativa do texto bíblico, defendemos aqui o uso do método histórico-gramatical, reconhecendo seu compromisso com a preservação da busca pela intenção da voz autoral, inspirada pelo Espírito Santo. Relembrando ainda, de acordo com Brasil de Souza, os pressupostos de sua aplicação: a Bíblia não contém a palavra de Deus, mas é a palavra de Deus; é necessário o reconhecimento da porção sobrenatural das Escrituras e um relacionamento do leitor-intérprete com o originador da revelação; utilizar traduções mais fiéis ao texto original, evitando o subjetivismo interpretativo dos tradutores e compreender o contexto histórico, bem como a análise semântica, sintática e gramatical do texto.⁸

⁵ BENTHO, 2003; STEIN, 2004; VIRKLER, 2007.

⁶ BORNKAMM, 2003; CULLMAN, 2001; MAIER, 2001; MÜLLER, 1997.

⁷ Seguidores do deísmo, termo que se refere à convicção de que a verdadeira religião é a religião natural, fundamentada na razão, e não em alguma revelação especial detentora de autoridade. In: EVANS, Stephen. *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião*. São Paulo: Vida, 2004, p. 40.

⁸ BRASIL DE SOUZA, Elias. Métodos contemporâneos de interpretação da Bíblia. Revista Teológica SALT-IAENE, vol. 1, n. 1, p. 38-59, 1997, p. 53.

1. O PENTATEUCO SOB A LENTE HERME- NÊUTICA

Partindo da premissa de que quanto mais antiga a fonte autoral do texto mais cuidados o leitor-intérprete deve tomar ao analisar as Escrituras, diversos trabalhos e obras buscam auxiliar os estudantes (formais – como os teólogos acadêmicos – ou devocionais, como os pregadores e expositores da Palavra) no tocante à exegese do texto. Mais especificamente quanto ao Antigo Testamento e ao Pentateuco, diversos autores são reconhecidos por suas consolidadas contribuições.⁹

Esses trabalhos atuam como ferramentas para a dissolução de correntes de pensamentos de que certas partes das Escrituras não possuem qualquer relevância, significado e/ou aplicação para estudos teológicos atuais. Teólogos pentecostais compromissados com a propagação e manutenção das verdades escriturísticas lançam mão de recursos literários e hermenêuticos para desmistificar que o Antigo Testamento é ultrapassado, deslocado da realidade e isolado das demais porções da Bíblia Sagrada.

Não são vãs as palavras de Gunneweg¹⁰, ao afirmar que não seria exagero considerar o problema hermenêutico do Antigo Testamento “como o problema da teologia cristã, cuja solução afeta, de uma ou de outra forma, todas as demais questões teológicas”.

Interessantemente, o autor afirma o seguinte:

[...] é de fundamental relevância teológica a pergunta se e por que a coletânea de textos judaico-israelitas que, no âmbito da Igreja cristã é denominado de AT é parte, e inclusive a parcela mais volumosa, do cânone da Escritura, e qual a importância teológica que lhe cabe; pois ela diz

⁹ BEALE, 2016; BRIEND, 1982; GARCÍA LOPES, 2004; GERSTENBERGER, 2007; GRADL; STENDEBACH, 2001; HOFF, 2007; OTTO, 2011; PURY, 1996; RENDTORFF, 2004; SKA, 2003; WILLI-PLEIN, 2001.

¹⁰ GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 6.

respeito à abrangência e, portanto, ao mesmo tempo, também qualitativamente ao conteúdo daquilo que deve ser considerado cristão. Na área da teologia, não se pode formular pergunta mais fundamental; a própria resposta a essa pergunta determina a área em que deverá desenvolver-se a teologia!¹¹

Nesta direção, nosso objeto de estudo focaliza um trecho do Pentateuco que versa sobre rituais sacrificiais que, liturgicamente, não se processam mais no cerne do culto judaico-cristão. Todavia, sua essência espiritual – e por que não dizer epistemológica – assenta as bases doutrinárias, principalmente, da crença cristã. Em termos mais restritos, a salvação e a purificação dos pecados, termos intensamente presentes na pregação evangélica. Neste sentido, Lamadrid¹² assume o Antigo Testamento como a história da salvação, com a intervenção divina ao longo do tempo, executando os desígnios salvíficos progressivamente na história dos eventos humanos. Segundo o autor, o Pentateuco se encaixa perfeitamente neste gênero histórico, no qual os códigos legais e as instituições civis e religiosas de Israel se enquadram perfeitamente dentro dos grandes marcos históricos.

Bentho e Plácido¹³ ao discorrerem sobre a importância do Pentateuco, atribuem três características que conferem significativa importância aos cinco livros de Moisés. Sendo elas: a **importância étnica** (por descrever o início de expansão dos três grandes grupos étnicos do mundo – oriental, negroide e ocidental); a **importância histórica** (traçando a origem humana, desde Adão até a instalação do governo teocrático); e a **importância religiosa** (tratando com riqueza a pessoa e o caráter de Deus, o homem, o primeiro pecado humano e os processos divinos para restauração do homem).

¹¹ GUNNEWEG, 2003, p. 6.

¹² LAMADRID, Antonio González. As tradições históricas de Israel: introdução à história do Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 8.

¹³ BENTHO, Esdras Costa; PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. Introdução ao Estudo do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 44.

Para o estudo do Pentateuco, em conjunto ou qualquer um dos seus livros separadamente, sugere-se do leitor-intérprete a sensibilidade de considerar elementos-chave para uma correta interpretação. Registros sociais, como os históricos, culturais e políticos; linguísticos, como os semânticos, sintáticos ou gramaticais; arqueológicos, geográficos e tantos outros que enriqueçam a reconstituição das informações, que estão além-texto, mas completam o mosaico do significado.

De forma exemplificada, quanto à importância do estudo do Pentateuco como berço literário da historiografia bíblica, De Vaux¹⁴ assume uma postura de reconhecimento da importância devida ao contexto histórico-cultural pois

no estudo do Antigo Testamento, as instituições ocupam um posto subordinado, e o leitor poderá sentir-se, às vezes, longe da mensagem espiritual e doutrinal que busca na Bíblia. Contudo, ele vai se aproximando dela e frequentemente a alcança sem demora. Os costumes familiares, os ritos fúnebres, a condição dos estrangeiros ou dos escravos, as concepções sobre a pessoa ou a função do rei, as relações existentes entre a lei, inclusive a profana, e a Aliança com Deus, a maneira de fazer a guerra, tudo leva consigo o reflexo de ideias religiosas, e estas encontram no culto e na liturgia sua expressão consciente. As instituições do povo escolhido preparam e prefiguram as da comunidade dos eleitos. Tudo nos interessa nesse passado sagrado, pois a palavra de Deus é viva e se percebe melhor sua ressonância se escutada no ambiente vivo onde foi pronunciada.¹⁵

Experientes exegetas não negligenciarão também os aspectos linguísticos do texto. Mesmo que o leitor-intérprete não possua fluência nas línguas originais, ferramentas como dicionários bíblicos e comentários interlineares “hebraico-português”,

¹⁴ DE VAUX, Roland. Instituições de Israel no Antigo Testamento. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2017.

¹⁵ DE VAUX, 2017, p. 17.

no caso do Antigo Testamento, auxiliam o resgate da informação autoral, levando em consideração expressões, vocábulos e interjeições incomuns à nossa matriz idiomática.

Em Virkler¹⁶ observa-se a importância de se considerar o aparato contextual das expressões idiomáticas do texto bíblico, principalmente na transposição de línguas tão distintas de nossa matriz latina, como o hebraico. Considerando, segundo o autor, um exemplo de tradução literal da frase “*I love to see Old Glory paint the breeze*” seria “Gosto de ver a Velha Glória pintar a brisa”. No entanto, faz-se necessário atentar para as expressões “*Old Glory*”, que se refere à bandeira dos Estados Unidos e “*paint the breeze*” que significa ondular ao toque da brisa. Desse modo, um novo significado clareia a mente do leitor: “Gosto de ver a Bandeira dos EUA tremulando ao vento”.

Gadamer¹⁷ assume que uma regra para a hermenêutica é a contextualização das partes com o todo, sem a qual se torna incompreensível a correta compreensão do discurso. Neste sentido, a intenção autoral deve ser analisada das partes ao todo e do todo às partes, em um modo recursivo e bilateral, pois

[s]ó denominamos textos aquilo que pode ser lido e relido. Um texto é a unidade de um tecido e se apresenta com um todo em sua textura – e não nos sinais escritos, nem tampouco nas unidades gramaticais de formação frasal. Todas essas coisas ainda não formam nenhum texto, a não ser que se trate de toda uma “composição escrita”, como denominamos de maneira perspicaz. No fundo, só compreendemos quando compreendemos o todo. Quem só compreende parcialmente pode ter compreendido de maneira totalmente falsa.¹⁸

Desse modo, na interpretação bíblica do Antigo Testamento, revela-se a necessidade de olharmos para a (re)adequação ne-

¹⁶ VIRKLER, 2007, p. 13.

¹⁷ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁸ GADAMER, 2007, p. 122.

otestamentária do texto.¹⁹ Na busca por oferecer ferramentas que viabilizem a interpretação bíblica, sugere-se neste artigo uma leve incursão sobre o texto de Levítico 16, referente ao Dia da Expição. Uma liturgia veterotestamentária cheia de significados e que aponta para verdades reveladas no Novo Pacto. Entretanto, uma leitura isolada do capítulo 16 não permitirá o esclarecimento de diversos pontos e, ainda, poderá mesmo obstruir a clareza do texto.

Sangues, bodes, túnicas, sumo sacerdote, Azazel, deserto, sacrifício, ritual, pecado. Como extrair o significado milenar e transcendente das expressões, das palavras, do cenário, da localidade, da liturgia, das personagens? Qual é a sua aplicação, se é que existe? Suas respostas são obtidas por meio da exegese praticada pelo hermenêuta em seu ofício. E o passo magno da interpretação está na Escritura. Por exemplo, a relevância do sangue no Dia da Expição está explicitada em Levítico 17.11, “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”. As Escrituras se interpretam pelas Escrituras.

A temática sobre a expiação com sangue traz mais questionamentos, como os dois bodes utilizados no ritual. Recorrendo a autores como Habershon²⁰ entende-se que o primeiro era sacrificado a Deus e o segundo, o bode expiatório, “levava embora a iniquidade de Israel à terra desabitada – o primeiro simbolizava as exigências de Deus, e o outro, a necessidade humana”.

Mas, ainda assim, o leitor-intérprete continua suas indagações: qual é a aplicação disso? As respostas se esclarecem já no Novo Testamento, separado por esse cenário histórico-cultural por muitos séculos. Ao longo do desenvolvimento do minis-

¹⁹ Sobre a leitura do Antigo Testamento sob as lentes do Novo Testamento, sugere-se a leitura de: PROENÇA, Eduardo de. O uso que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento. Bíblia: Introdução à Hermenêutica. São Paulo: Fonte, 2009.

²⁰ HABERSHON, Ada. Manual de tipologia bíblica: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das Escrituras Sagradas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 23.

tério de Jesus, o templo de Jerusalém estava em pleno exercício e judeus de várias partes traziam os seus sacrifícios oferecidos como previa a lei. Entretanto, João Batista, profeta primo de Jesus, já o reconhecia como “Cordeiro de Deus, que tira o pecado mundo” (Jo 1.29). Os apóstolos Pedro e Paulo, também sendo judeus, estavam certos de que a morte vicária do Senhor foi o sacrifício perfeito para expiação dos pecados, como lemos em 1 Pedro 1.18-19: “sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”. Foi Paulo que, escrevendo aos Efésios, afirmou que pelo sangue de Cristo temos a redenção e remissão dos pecados, pois Jesus foi “aquele que Deus propôs, no seu sangue, como propiciação” (Rm 3.25).

Mais uma vez, as Escrituras interpretando as Escrituras, como concordam Lund e Nelson.²¹ Antigo e Novo testamentos dialogando ao longo e além do tempo, em uma via recursiva que aponta o começo e o fim, a gênese e a consumação.

Este artigo objetiva analisar como as ferramentas de hermenêutica comumente utilizadas, a saber, comentários bíblicos e bíblias de estudo, podem auxiliar o leitor-intérprete na exegese de textos bíblicos, mais especificamente o capítulo 16 do livro de Levítico, à luz do Novo Testamento e suas aplicações para a religião cristã. Em adição, busca-se, ainda, sugerir um percurso metodológico advindo da teoria semiolinguística do discurso, explicitando a possibilidade de pesquisas posteriores sobre a viabilidade de sua execução.

²¹ LUND; NELSON, 2006.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a análise dos dados, utilizou-se os pressupostos da Análise Semiolinguística do Discurso (doravante ASD) que, segundo Corrêa-Rosado²², não busca apenas a análise linguística do texto em si ou uma análise sociológica e/ou psicológica do respectivo contexto, mas sim a compreensão da questão da imagem de si, o *ethos* retórico.

Segundo Patrick Charaudeau²³, o discurso está além da representação de códigos linguísticos, é uma junção entre o que é explicitado e o que permanece implícito, mas que dá sentido ao processo de comunicação. O autor afirma que a simetria emissor/receptor não é suficiente para promover a percepção do ato de linguagem, exigindo uma maior atenção para a interação entre o implícito e o explícito do discurso.

No tocante à Bíblia Sagrada, a dimensão implícita²⁴ entre o emissor/receptor é inegável e frutífera, pois a partir de sua correta interpretação, reconhece-se a profundidade de significados embutidos na mensagem central. Toda exegese das Escrituras deve se debruçar sobre dois elementos essenciais para uma interpretação equilibrada: a revelação/iluminação do Santo Espírito e a hermenêutica dotada de uma robusta e qualificada metodologia. Por este motivo, no presente artigo, busca-se sugerir uma ferramenta – dentre outra miríade delas no universo teológico acadêmico – de análise do texto sagrado, aliado também à análise dos livros-texto (comentários bíblicos e Bíblias de estudo) que intentam auxiliar o leitor-intérprete do texto sagrado.

²² CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. Revista Memento, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2014, p. 3.

²³ CHARAUDEAU, Patrick. L'argumentation dans une problématique d'influence. In: Argumentation et Analyse du Discours, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aad/193>>. Acesso em: ago. 2019.

²⁴ Essa dimensão implícita se refere ao conjunto de percepções do mundo, da linguagem e da interação social, relacionado aos diferentes modos de apreender o mundo (CHARAUDEAU, 2008).

Em relação ao discurso, este pode ser classificado, segundo Charaudeau²⁵, em quatro modos de organização para determinadas finalidades: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Para a pesquisa, utilizou-se o modo descritivo que, por sua própria natureza, pode combinar-se com os modos narrativo e argumentativo. Esse modo de texto descritivo consiste em ver o mundo com um olhar que nomeia, localiza e atribui qualidades aos seus actantes.

Desse modo, utilizam-se três operações conjuntas (Figura 1) que viabilizam a interpretação de um determinado contexto – mais especificamente para este universo de pesquisa: a exegese de um trecho do Pentateuco, o capítulo 16 do livro de Levítico.

Figura 1. Componentes da construção descritiva



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Charaudeau.²⁶

2.1 PROPOSTA DE UMA FERRAMENTA EXEGÉTICA

Aplicando, então, os pressupostos teórico-metodológicos referenciados em Patrick Charaudeau, buscamos trazer uma aplicação direta da análise semiolinguística para o estudo do Pentateuco. Haja vista que a ASD é amplamente utilizada em pesquisas da Linguística, da Pedagogia, das Ciências Sociais e das Comunicações²⁷, porém, pouco instrumentalizada na Teologia.²⁸

²⁵ CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. Tradução de Ângela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2015, p. 75.

²⁶ CHARAUDEAU, 2015, p. 112.

²⁷ CARVALHO; REZENDE, 2011; MIRA; CUSTÓDIO, 2018; MOUL; SÁ; CARNEIRO-LEÃO, 2019.

²⁸ CARVALHO; OLIVEIRA, 2018.

Inicialmente, o leitor-intérprete deve **nomear** os actantes envolvidos no processo contextual, envolvido na análise do texto. Qual sua identidade, personalidade, atributos genéricos que imprimem de forma sintética seu caráter. Esta primeira etapa pode ser a nomeação de um indivíduo, grupo, evento, fenômeno, região geográfica, objeto ou qualquer outra entidade que possua uma delimitação identitária. Configurando-se, assim, automaticamente, a classificação do actante em meio ao universo no qual está inserido.

A etapa seguinte, **localizar-situar**, oferece mais uma possibilidade de caracterização, ao traçar-se o perfil descritivo de um actante, pois permite restringir o contexto espaço-temporal no qual aquele age. Mesmo se um texto se refira ao Eterno Deus, actante de alguma unidade de análise das Escrituras, seu espaço-tempo seria a eternidade. Finitude e transcendência são contemplados também na análise de um discurso descritivo na Bíblia Sagrada. Vale ressaltar, que de acordo com Charaudeau essa localização-situação aponta um recorte objetivo do mundo.

98

Por fim, e mais detalhadamente, **qualificar** assume uma relevância fundamental para o processo exegético do texto sagrado, pois fornece ao leitor-intérprete a possibilidade de transpor as fronteiras do contexto textual e realizar as devidas aplicações da unidade de análise.

Neste sentido, para exemplificar a metodologia de exegese proposta neste artigo, foi realizada a escolha de seis unidades de análise – divididas em dois grandes grupos – do texto descritivo. No Quadro 1 selecionou-se três comentários bíblicos que contivessem aprofundamentos hermenêuticos sobre o trecho selecionado do Pentateuco, o capítulo 16 do Livro de Levítico. Um livro-texto específico sobre o livro de Levítico, um segundo livro sobre o Pentateuco e um terceiro, mais panorâmico, sobre todo o Antigo Testamento. Desse modo, buscou-se encontrar possíveis similitudes e/ou discrepâncias em unidades de análise que diferem em grau de abrangência temática – um livro bíblico, um

grupo de livros e toda a porção veterotestamentária, de modo que foram selecionadas porções do texto que se referiam ao dia da Expição ou mais especificamente a Levítico 16.

No Quadro 2, por outro lado, elegeram-se três bíblias de estudo que permitissem a análise de suas notas de rodapé acerca do tema proposto, também ao longo de Levítico 16. Para tanto, foram escolhidas uma bíblia de tradução ecumênica, uma outra com tradução do texto formal (de equivalência em linguagem erudita, reproduzindo os aspectos formais do texto original) e uma terceira com uma tradução dinâmica (que utiliza a equivalência funcional, ao reproduzir o sentido do texto original de maneira simples e natural, mais próximo do modo de falar da população). Essa variedade objetivou alcançar um olhar mais diversificado a fim de fornecer uma amplitude exegética para o leitor-intérprete.

Com o intuito de singularizar e nomear as unidades de análise, estabeleceu-se a seguinte caracterização: textos advindos dos comentários bíblicos possuem o prefixo ULT, seguido da abreviatura em minúsculo para a especificação da modalidade (panorâmico (p), para um livro sobre todo o Antigo Testamento; específico (e), para um livro sobre Levítico; e temático (t), para uma obra sobre o Pentateuco). De forma similar, as unidades de análise oriundas de bíblias de estudo nomearam-se UBE, com a abreviatura minúscula da modalidade de tradução (l – ecumênica; f – formal e d – dinâmica).

Quadro 1. Transcrição dos textos utilizados dos comentários bíblicos.

FONTE	Unidade de análise
GRADL & STENDEBACH (2001) Código - ULTp	<p>O dia do Grande Perdão (<u>Yom Kippur</u>) é até hoje um dos maiores feriados judaicos. É celebrado no décimo dia do mês de <i>tishri</i> (set./out.), com o severo dia de jejum e penitência. É feito, em primeiro lugar, o ritual da expiação do santuário, seguido pela expiação do próprio sumo sacerdote e depois de toda a comunidade de israelitas pelo ritual de sangue: o sumo sacerdote asperge sangue sobre o propiciatório da arca e sobre o altar. A isso se vincula o ritual mais antigo do bode expiatório. Sorteia-se um bode, sobre o qual o sumo sacerdote descarrega todos os pecados. Em seguida, o bode é levado ao deserto para ser entregue ao demônio Azazel (durante muito tempo acreditou-se que o ermo deserto era lugar de parada de espíritos de bode e demônios). Desta forma, os delitos – trata-se sempre daqueles de tipo não premeditado, especialmente de caráter cultural-religioso, pensados de maneira quase materializada, seriam eliminados do seio de Israel. <i>As exortações contidas nos versículos 29ss. são uma indicação de que o ritual externo tem de vir acompanhado da postura interior.</i> <u>O Novo Testamento contrapõe a ação definitiva e única de Cristo ao rito anual executado pelo sumo sacerdote</u> (Hb 7.26; 9.6-14; 10.1-10).</p>

HARRISON
(2017)
Código - ULTe

Esse capítulo perfaz o eixo cerimonial e teológico sobre o qual gira o livro inteiro de Levítico. Seis meses depois de a Páscoa ter sido celebrada, o povo era ordenado a “afligir-se”, após o que o sumo sacerdote faria expiação por ele. Essa cerimônia deveria ser observada anualmente, e marcava a ocasião em que a totalidade da comunidade religiosa era mobilizada diante de Deus num ato conjunto de confissão e expiação. Antes de poder entrar no lugar santo, o sumo-sacerdote tinha de sacrificar, como condição prévia, uma oferta pelo pecado e um holocausto ao Senhor. Devia banhar seu corpo completamente, limpando-se simbolicamente, desta maneira, de toda impureza, mas ao invés de usar as vestes altamente enfeitadas da sua cerimônia de consagração, devia ser vestido de roupas simples de trabalho, que consistiam em uma túnica, calças, um cinto de linho e uma mitra. *Este ritual fornece um contraste dramático entre a santidade e a pureza de Deus e o pecado do homem, o que ressalta a necessidade de expiação a fim de que o povo seja santo conforme Deus é santo.* A oferta pelo pecado do povo consiste em dois bodes, ao passo que um carneiro é apresentado como holocausto. Tendo colocado os dois bodes diante do Senhor, Arão lançou sortes sobre eles (8), que provavelmente envolvia o uso das pedras sagradas conhecidas como Urim e Tumim. O significado da palavra Azazel está longe de ficar certo. A palavra pode significar “remoção” ou “despedida”, cuja tradução tem variado como “que será mandado embora” (Wycliffe), “para liberação” (Knox) e “para o precipício (NEB). Para o cristão, do dia solene antegozava um tempo em que um representante da raça humana levava sobre Si os pecados do mundo (Is 53.6) como Cordeiro de Deus (Jo 1.29). Este ato era necessário porque o sangue de novilhos e de bodes não tinha nenhuma possibilidade de remover o pecado (Hb 10.4). Somente Deus, manifestando na Pessoa de Jesus Cristo, poderia reconciliar o mundo a Si mesmo (2 Co 5.19). O cristão olha para trás para os eventos do Calvário como sendo a única grande ocasião (Rm 6.10; Hb 7.27; 9.12) quando o dia da expiação foi celebrado.

HOFF
(2007)
Código - ULTt

Era o dia mais importante do calendário judeu. Chamava-se yoma, “o dia”. Era a coroa e ponto culminante de todo o sistema de sacrifícios. “Isaías 53 é para a profecia messiânica [...] o que é Levítico 16 para o sistema mosaico inteiro de tipos, a flor mais perfeita do simbolismo messiânico”. No Dia da Expição, o sumo sacerdote reunia todos os pecados de Israel acumulados durante o ano e os confessava a Deus, pedindo perdão. Somente ele podia entrar no lugar santíssimo e fazer expiação sobre o propiciatório da arca. Fazia-o somente uma vez por ano. Os dois bodes escolhidos para o sacrifício já haviam sido trazidos ao tabernáculo. Arão lançava sortes sobre os animais: uma sorte para o Senhor e outra para Azazel. Que significa Azazel? Como bem parece ter compreendido a versão siríaca, é o nome de um demônio que os antigos hebreus acreditavam que habitasse o deserto. Outros o interpretam como Satanás ou possivelmente o lugar remoto para onde era enviado o bode. Não obstante, tais interpretações são errôneas, pois Deus proibiu expressamente sacrificar a demônios (17.7). A melhor interpretação está na própria tradução da palavra, como “remissão, tirar e enviar a outra parte”. Um deles era sacrificado para expiar o pecado e o outro, representava o alijamento da culpa não somente da presença de Deus, mas também da presença do povo. Assim é com o nosso Deus. Por meio de Cristo, nosso pecado e culpa dele resultante estão alijados para sempre. Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote, não necessitava oferecer sacrifício por si mesmo. Ele entrou uma vez para sempre no lugar santíssimo (o céu), não levando o sangue de bodes, mas seu próprio sangue, e nos redimiu eternamente (Hebreus 9.11,12). Ele tem um sacerdócio imutável e pode “salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus” (Hebreus 7.24,25).

102

Adicionalmente, adotou-se três bíblias de estudo (Quadro 2), que permitissem a análise de suas notas de rodapé acerca do tema proposto, ao longo também de Levítico 16. Foram escolhidas um bíblia de tradução ecumênica, outra com tradução do texto formal

e uma terceira, com uma tradução dinâmica. Essa variedade teve como objetivo alcançar um olhar mais diversificado que fornecesse uma amplidão exegética para o leitor-intérprete.

Quadro 2. Transcrição dos textos utilizados das Bíblias de Estudo.

FONTE	Unidade de análise
TEB (2015) Tradução ecumênica Código - UBEL	O Lv 16 trata do Dia das Expições (em hebr. <i>Yom Kippur</i>), festa que se tornará tão importante que a tradição judaica muitas vezes a chama pura e simplesmente de O Dia. Contudo, trata-se de uma festa introduzida bastante tarde no calendário israelita: sem dúvida depois da reforma de Esdras. A solenidade era primitivamente uma grande purificação. <i>Ela evoluiu, para tornar-se cada vez mais uma liturgia do perdão dos pecados propriamente ditos, na qual Israel exprime ao mesmo tempo a sua viva consciência de ser pecador e a sua fé em um Deus que perdoa.</i> O dia do Grande Perdão era o único dia do ano em que o sumo sacerdote passava pelo véu que escondia o Lugar santíssimo (Cf. Hb 9.7). Note-se que o sumo sacerdote não assume as magníficas vestes descritas em Êx 28. Para executar o rito da grande purificação, ele se apresenta na simplicidade do linho branco. O grego e a Vulgata compreenderam esta palavra (<i>Azazel</i>) como bode emissário; outros (uma versão árabe, <i>Ráshi</i>), como uma indicação geográfica; mas outros, provavelmente com razão, veem aí o nome de um demônio, de uma espécie de sátiro frequentador dos lugares estéreis.

A BÍBLIA ANO-
TADA
(1994)
Tradução literal
Código - UBEf

O Dia da Expição era a mais importante de todas as ordenanças dadas a Israel porque nele se fazia a expiação por todos os pecados de toda a congregação (vv. 16, 21, 30, 33), bem como pelo santuário (16.33). Acontecia no décimo dia do sétimo mês (tisri, v. 29), e era requerido um jejum da tarde do nono dia até a tarde do décimo dia (veja Mt 9.14). Em primeiro lugar, Arão, o sumo sacerdote, apresentava uma oferta pelo pecado em favor de si mesmo e dos demais sacerdotes. A seguir, o sumo sacerdote apresentava dois bodes como oferta pelo pecado do povo. Um era imolado e o outro enviado para o deserto. *emissário* (v. 10). Lit., Azazel, uma combinação das palavras hebraicas para “bode” e “partir”. *O bode vivo era o bode da remoção, simbolizando vividamente a remoção dos pecados de Israel.* O santuário e o altar do holocausto também precisavam ser purificados, pois o tabernáculo estava em meio a um povo pecaminoso (cf. v. 16). Por fim, Arão, novamente vestido com as roupas normais do sumo sacerdote, oferecia dois holocaustos, o seu próprio e o do povo (sobre o altar do holocausto no átrio), queimava a gordura da oferta pelo pecado sobre o mesmo altar e providenciava para que os restos dos animais usados na oferta pelo pecado fossem levados para fora do arraial e queimados.

<p>NTLH (2007) Tradução dinâmica Código - UBEEd</p>	<p>O Dia do Perdão era e ainda é o dia mais sagrado do calendário de festas do povo hebreu. Uma vez por ano (v. 34), no dia dez do sétimo mês (v. 29), o Grande Sacerdote purificava o Lugar Santíssimo e a Tenda Sagrada (vs. 15-16), bem como o altar onde os sacrifícios eram queimados (vs. 18-19). Com roupas especiais para o Dia do Perdão e não as roupas que o Grande Sacerdote usava em outras ocasiões (Lv 8.6-9). Ele oferecia sacrifícios para conseguir o perdão dos seus próprios pecados e de sua família (v. 6) e o perdão dos pecados do povo (v. 24). Além disso, ele mandava o bode para Azazel (não se sabe ao certo o que significa este nome; possivelmente fosse o nome de um demônio do deserto) ao deserto, levando os pecados do povo (vs. 20-22). Tudo isso apontava para o que Jesus Cristo fez para tirar o pecado do mundo (Jo 1.29; Rm 3.24-26; Hb 9 – 10).</p>
---	---

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Valendo-se primariamente da análise semiolinguística, a partir dos componentes do discurso descritivo (Figura 1), após a leitura dos seis textos-base utilizados na pesquisa, a exegese configura-se da maneira seguinte:

Figura 2. Apontamentos da exegese a partir da construção descritiva



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Charaudeau (2016).

106

A caracterização inicial foca no tipo de evento e sua classificação, um dos tipos litúrgicos do sistema sacrificial levítico. Localizado durante a peregrinação de Israel no deserto, quando o Senhor revelou a Moisés os parâmetros cerimoniais das ofertas que o povo hebreu deveria lhe entregar. O leitor-intérprete observará ainda, com a análise de textos-base, que esse ritual passou a configurar a lista de festas observadas por Israel e perdurando durante o funcionamento do Templo em Jerusalém, mesmo após o ministério de Cristo. A aplicação qualitativa desse evento permitirá ao exegeta compreender que a mensagem central da festa/ritual era a obtenção do perdão por meio do sacrifício de um inocente. Prefigurando a morte vicária de Cristo, o Salvador.

Tendo em mente, mais uma vez, a prudência na interpretação, pois diversos elementos devem ser considerados na análise do texto sagrado, haja vista que

[o] tradutor tem um papel semelhante ao do deus Hermes, de mediar mundos diferentes. A tradução da Bíblia de textos clássicos antigos ilustra os problemas que ocorrem nesse processo, uma vez que são textos muito distantes no tempo, no espaço e divergentes na língua. Isso exige que o horizonte do tradutor se encontre com o horizonte de compreensão do texto.²⁹

Por esse motivo, delineou-se uma linha de análise do texto em busca de informações contextuais que assegurem a compreensão mais larga possível, sobre a temática. Ao caracterizar o actante (nesse caso um evento, haja vista que segundo Patrick Charaudeau, este pode ser qualquer entidade significativa independente de sua classe semântica), e suas qualificações e constituintes descritivos, buscou-se resgatar informações congruentes e singulares nos textos de suporte, neste caso, os comentários e as bíblias de estudo.

Com este procedimento, emergiram da leitura flutuante dos seis textos-base, cinco categorias teórico-empíricas (Tabela 1). Essas categorias se denominam da forma seguinte, pois são embasadas nos teóricos supracitados na Introdução desse trabalho, além de coadunar com os achados resultantes da análise.

Tabela 1. Categorias de análise e respectivas ocorrências

CATEGORIAS EMPÍRICO-TEÓRICAS	DEFINIÇÃO	OCORRÊNCIAS
Encaixe tipológico (<u>texto sublinhado</u>)	Relaciona os tipos do Antigo Testamento com os antítipos neotestamentários	ULTpanorâmico ULTespecífico ULTtemático UBEdinâmico

²⁹ HERMANN, 2002, p. 24.

<p>Etimologia conceitual (texto em negrito)</p>	<p>Explicita e/ou explana os termos, conceitos e palavras-chave de uma passagem, cruciais para a compreensão da mensagem contextual.</p>	<p>Presente em todas as unidades de análise</p>
<p>Resgate histórico-cultural (sublinhado tracejado)</p>	<p>Aproxima o leitor do contexto histórico da citação, esclarecendo detalhes intrínsecos da cultura</p>	<p>Presente em todas as unidades de análise</p>
<p>Detalhamento litúrgico-cerimonial (realce cinza)</p>	<p>Aborda tópicos detalhados ou panorâmicos das etapas de execução da cerimônia, ritual ou culto, com suas respectivas implicações e objetivos.</p>	<p>Presente em todas as unidades de análise</p>
<p>Aplicação devocional (texto em itálico)</p>	<p>Aponta a relação do texto com aspectos práticos da fé cristã e seus reflexos.</p>	<p>ULTpanorâmico ULT específico UBEcumênico UBEformal</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela aqui sugerida, com suas categorias, pode ser utilizada, então, como eixo norteador para análises de textos bíblicos do Pentateuco, auxiliando o leitor-intérprete na percepção de informações implícitas e explícitas ao texto original, combinado com as consultas secundárias aos textos de suporte. Dentre tantas ferramentas exegéticas, essa grelha de categorias de análise permite, aliado ao método histórico-gramatical, uma correta e equilibrada interpretação que coadune com o *modus operandi* da teologia clássica.

Especificamente à pesquisa realizada para este artigo, observou-se que todas as unidades de análise apresentaram explicações quanto às etimologias dos conceitos-chave da temática. Passo vital para o início da compreensão, levando-se em consideração que “o conceito bíblico-cristão de expiação é multifacetado, e foi exposto e explicitado através de múltiplas metáforas e figuras: a oferta sacrificial, o conceito de substituição, o Servo sofredor, etc.”.³⁰ Soma-se, ainda, a transposição idiomática do hebraico, que deve ser cuidadosa, para evitar perdas de significado. Hoff (2007) e a Bíblia TEB, ao apresentarem o dia da expiação, em hebraico, como **o dia**, permitem ao leitor-intérprete a visualização de que aquela festividade possuía certa centralidade no calendário judaico.

O detalhamento litúrgico-conceitual, por sua vez, se apresentado, viabiliza a percepção de como se davam os procedimentos do ritual. Principalmente para indivíduos que possuem certa dificuldade de abstração, discorrer em texto auxiliar sobre os pormenores da liturgia amplia os horizontes daquela percepção. Os autores e comentaristas dos livros e bíblias analisados parecem possuir uma concepção concordante, pois em todas as unidades de análise foram encontrados trechos que assim procediam, como a Bíblia Anotada, que destaca até mesmo a roupa utilizada por Arão durante a cerimônia e Gradl e Stendebach (2001)³¹, que explicam o processo de escolha dos bodes utilizados.

No tocante ao resgate histórico-cultural, mais uma vez todos os textos-base empreenderam esforços em oferecer informações que aproximam o leitor do contexto histórico-cultural – com distância milenar à pós-modernidade – em que se deram os eventos analisados. Esse resgate permite ao leitor-intérprete a busca pelo *Sitz im Leben*, a ocasião em que o texto foi escrito ou o fato que motivou determinado gênero literário. De Vaux

³⁰ MALHEIROS, Isaac. Expiação, na terra ou no céu? O conceito de expiação celestial em Hebreus. *Kerygma*, v. 12, n. 2, p. 73-103, 2016, p. 74.

³¹ GRADL; STENDEBACH, 2001.

(2017) concorda e complementa com as unidades de análise, ao apontar que

O Dia da Expição é um dia de repouso completo, de penitência e de jejum. A comunidade oferece dois bodes, sorteados, um para lahvé e outro para Azazel. Segundo a tradição dos rabinos, o bode era conduzido a *Bet Hadudu* ou *Bet Harudu* (durante o funcionamento do Templo), a atual *Khirbet Khareidan*, dominando o vale do Cedrom a 6 quilômetros de Jerusalém.³²

Essa categoria tem sua grande relevância para a elucidação sensata e equilibrada sobre a função dos bodes utilizados, principalmente aquele que o texto bíblico cita ser oferecido para Azazel. Tendo em vista que uma das unidades de análise afirma que Azazel era um demônio, o leitor-intérprete deve ser cuidadoso para não aplicar ao texto ideias e excessos contrários à própria Escritura. Deve-se lembrar as ideias israelitas sobre peregrinação dos demônios nos lugares desolados, como Isaías 13.21; 34.11-14 e Mateus 12.43. E, conforme De Vaux³³, deve-se notar que a “eficácia dessa transferência e da expiação que dela resulta é atribuída a lahvé, diante de quem o bode é apresentado (v. 10), que o bode não é sacrificado a Azazel e nem mesmo a lahvé, porque, carregado dos pecados do povo, ele se torna impuro e não pode servir como vítima sacrificial”. Asmat³⁴ arremata a discussão ao confirmar que a identidade e função do bode para Azazel “somente pode ser percebida se se contempla cada figura do Santuário desde uma perspectiva tipológica que expresse seu próprio simbolismo e significado”. O autor relembra que, ao intérprete que aproxima das Escrituras pelas Escrituras, o bode para Azazel é um símbolo típico da solução do problema do pecado, na qual o primeiro beneficiado é o povo de Deus.

³² DE VAUX, 2017, p. 543.

³³ DE VAUX, 2017, p. 545.

³⁴ ASMAT, David. Identidad y función del macho cabrío para Azazel según Levítico 16. *Theologika*, v. 30, n. 1, p. 2-37, 2015, p. 2.

Com a categoria encaixe tipológico revela-se a dimensão fulcral da exegese de Levítico 16 para o leitor-intérprete atual que, de forma cirúrgica, deve unir a mensagem incutida na narrativa veterotestamentária com a sua aplicação/cumprimento no Novo Testamento. Não é por menos que Benthó e Plácido (2019, p. 121)³⁵ relembram que cada uma das festas levíticas possuía um significado peculiar, “simbolizados por meio de atos e rituais religiosos que, por sua vez, eram meras sombras ou tipos de algo que o Senhor faria no futuro”. Algo compreendido apenas se o leitor-intérprete, segundo Beale (2016)³⁶, revisitar de forma prática a técnica de ler o Antigo Testamento com as lentes do Novo Testamento.

A tipologia bíblica, então, deve ser considerada na interpretação de **alguns** textos que possuem um eco no Novo Testamento e que, lidos em concordância com este, são compreendidos de maneira mais completa. Concordamos com Habershon³⁷ ao reafirmar que o estudo dos tipos e antítipos devem ser colocados lado a lado a fim de completar o quadro, enxergando além de sua exegese judaica ou dispensacional, a fim de extrair “seu profundo ensino espiritual [...] que tende a demonstrar que a Bíblia é o Livro divino”. O encaixe tipológico revela a necessidade de alcançarmos a plenitude do texto bíblico da antiga dispensação, relido sob as lentes neotestamentárias. Duas obras dentre as analisadas, UBEI e UBEf, não apresentaram nos seus textos a ocorrência dessa abordagem, que percorre bilateralmente o Antigo e o Novo Testamento.

Lamadrid³⁸ aponta que a história da salvação presente em ambos os Testamentos revela a dialética do esquema “promessa-cumprimento”, um dos eixos centrais de toda a história bíblica. A história do Antigo anuncia a primeira vinda do Senhor na

³⁵ BENTHO; PLÁCIDO, 2019, p. 121.

³⁶ BEALE, 2016.

³⁷ HABERSHON, 2003, p. 81.

³⁸ LAMADRID, 2019, p. 12.

plenitude dos tempos, e a história do Novo anuncia a segunda vinda, na plenitude escatológica final. A oferta pelo pecado e a oferta pela culpa, o grande dia da expiação, a purificação pela novilha vermelha, “todos falam do remédio que Deus oferece pela contaminação; e repetem que a cruz de Cristo é o único fundamento para a purificação”.³⁹

O Antigo Testamento pode ainda ser tomado “como promessa do evento crístico, como profecia da morte e vida de Jesus, como lei que conduz a Cristo, como testemunho precedente de uma história salvífica”.⁴⁰ Por este motivo, o autor clama por uma exegese que traz à luz o verdadeiro sentido para a atualidade.

O autor da carta aos Hebreus está consciente disso, pois utiliza a alegorese⁴¹, a fim de alcançar o real significado da Escritura a partir de Cristo, no sentido alegórico do texto. Conferindo a este autor o direito de interpretar alegoricamente o culto veterotestamentário, pois:

[o] culto de Israel destinava-se à expiação e à cura, mas jamais pôde alcançar esse objetivo plenamente. Assim, ele recebe seu verdadeiro sentido somente a partir do verdadeiro cumprimento em Cristo, o verdadeiro sacerdote (Hebreus 4.14-16; 7.1-10), que não derramou sangue de animais, mas seu próprio sangue, de uma vez por todas (Hebreus 9.1-15). Justaposições tipológicas (Hebreus 7.9-10: Melquisedeque – Cristo; 8.2-5: tabernáculo – tenda celestial; 9.23-28: coisas terrenas – coisas celestiais) e alegoreses (Hebreus 3.6; 7.2; 10.20; 11.13-16; 12.22; 13.11-13) andam aqui de mãos dadas.⁴²

Por fim, a aplicação devocional do texto, interagindo com a fé do leitor e sua prática cristã, consolida a interpretação ao

³⁹ HABERSHON, 2003, p. 41.

⁴⁰ GUNNEWEG, 2003, p. 31.

⁴¹ Método de interpretação do texto bíblico que toma as passagens das Escrituras como sendo alegóricas, buscando extrair das mesmas o significado duplo e múltiplo além do significado imediato do invólucro exterior.

⁴² GUNNEWEG, 2003, p. 33.

promover a aprendizagem significativa do tema em estudo. Uma bíblia de estudo e um comentário bíblico, dentre os analisados, não apresentaram essa ocorrência. Importa ressaltar que algumas obras analisadas se prestam como técnicas e/ou acadêmicas, o que justifica em parte a ausência de tais aplicações. No entanto, ao utilizá-las o leitor-intérprete menos favorecido ou menos (só para ficar bem entendido) experiente pode não obter o mesmo sucesso na transposição didática do conteúdo – para si ou para receptores de sua interpretação – a partir dessas obras, se comparado àquelas que utilizam uma aplicação devocional.

Reunindo todas as categorias empírico-teóricas juntamente com o extrato exegético advindo da análise semiolinguística (Figura 2), compreende-se a conceituação do Dia da Expição e, principalmente, seu reflexo na doutrina cristã. Mudou-se, então, a ótica do sangue, do sacrifício, do ritual, da cerimônia e da oferta. Pois o sacrifício anual e imperfeito cedeu lugar ao sacrifício perfeito e definitivo do Cordeiro de Deus, haja vista que “(...) com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hb 10.14).

Concordamos com Virkler (2007) ao assumir a importância da hermenêutica para dissolver as lacunas históricas, culturais, linguísticas e filosóficas que obstruem a compreensão espontânea e exata da Palavra de Deus. E, ainda, com Gadamer (2007) que nos lembra que é preciso estar consciente de que “a unidade vocabular se define a partir da unidade da frase e de que esta unidade se define, por sua vez, uma vez mais, a partir de contextos textuais maiores [...] se destacamos uma única parte de um texto de seu contexto, ele emudece”.⁴³

⁴³ GADAMER, 2007, p. 123.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre tantas possibilidades metodológicas para a interpretação do texto bíblico, este trabalho buscou sugerir um recurso exegetico para análise de textos de matriz veterotestamentária, como o Pentateuco. Conscientes do desafio de transpor significados com limites geográficos, temporais, culturais e linguísticos distintos, os exegetas pós-modernos devem ser cuidadosos na busca do significado espiritual da mensagem bíblica.

O que era sombra no Antigo Pacto resplandece com fulgor e claridade na Nova Aliança. Os mistérios ocultos em Cristo foram revelados. O novo pacto não traz uma nova revelação de Deus, mas uma revelação melhor, mais aperfeiçoada (Hb 8.6), que completa e revela as realidades outrora profetizadas no Antigo Pacto.

O empreendimento hermenêutico bem-sucedido deve assumir uma postura equilibrada face ao conjunto de possibilidades de significado de um texto, alargado cada vez mais que se atenta para as variadas facetas contextuais no qual está inserido. Por este motivo, acreditamos que a análise semiolinguística do discurso pode ser tomada como um importante recurso exegetico, a partir do exame dos elementos constituintes do discurso descritivo. Com a leitura flutuante de textos-base, atribuição de características dos actantes e a consequente construção do perfil identitário e qualitativo do objeto em estudo.

Métodos alternativos atuais, que fidelizam sua postura face ao método histórico-gramatical, adicionando as propostas trazidas pelas novas hermenêuticas, contribuirão para aperfeiçoar a exegese do texto bíblico, principalmente dos mais antigos, como o Pentateuco. Aliados ainda aos estudos pós-modernos das ciências afins à teologia que somam esforços para a interpretação bíblica.

Evidentemente que as sugestões metodológicas aqui apresentadas devem ser aplicadas na análise de outros – e diversos – textos bíblicos, a fim de permitir o acompanhamento de sua viabilidade, ou não, para a exegese das Escrituras.

REFERÊNCIAS

ASMAT, David. Identidad y función del macho cabrió para Aza-zel según Levítico 16. **Theologika**, v. 30, n. 1, p. 2-37, 2015.

BEALE, Gregory K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. Tradução de Marcos Throup. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica fácil e descomplicada**: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BENTHO, Esdras Costa; PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. **Introdução ao Estudo do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

BORNKAMM, Günter. **Bíblia**: Novo Testamento – introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. Tradução de Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2003.

BRASIL DE SOUZA, Elias. Métodos contemporâneos de interpretação da Bíblia. **Revista Teológica SALT-IAENE**, vol. 1, n. 1, p. 38-59, 1997.

BRIEND, Jacques. **Uma leitura do Pentateuco**. Tradução de Benôni Lemos. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

CARVALHO, Aline Torres; REZENDE, Guilherme Jorge. Vende-se juventude : uma análise de aspectos da teoria semiolinguística em anúncios publicitários da Revista Marie Claire. In: Simpósio **Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**. 2011. Disponível em: < https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/CARVALHO_ALINE_TORRES_SOUSA.pdf>. Acesso em: ago 2019.

CARVALHO, David Araújo; OLIVEIRA, Francisco Armando. Os sujeitos segundo a semiolinguística na epístola de Paulo aos Filipenses. **Guavira Letras**, n. 28, p. 317-331, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **L'argumentation dans une problématique d'influence**. In: *Argumentation et Analyse du Discours*, n. 1, 2008. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/aad/193>>. Acesso em: ago. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução de Ângela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiológica: alguns pressupostos. **Revista Memento**, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2014.

CULLMAN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Líber, 2001.

DEVAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2017.

GADAMER, Hans George. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GARCÍA LÓPES, Félix. **O Pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. Tradução de Alceu Luiz Orso. 2.ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

GERSTENBERGER, Erhard. **Teologias no Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GRADL, Felix; STENDEBACH, Franz Josef. **Israel e seu Deus**: guia de leitura para o Antigo Testamento. Tradução de Míriam Oelsner. São Paulo: Loyola, 2001.

GUNNEWEG, Antonius H. **Hermenêutica do Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

HABERSHON, Ada. **Manual de tipologia bíblica**: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das Escrituras Sagradas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

HARRISON, R. K. **Levítico**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017. Série Cultura Bíblica.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOFF, Paul. **O pentateuco**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

LAMADRID, Antonio González. **As tradições históricas de Israel**: introdução à história do Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2019.

LUND, Eric; NELSON, P. **Hermenêutica**: princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. 2.ed. Tradução de Etuvino Adiers. São Paulo: Vida, 2006.

MAIER, Gerhard. **The end of the historical-critical method**. Oregon: Wipf & Stock, 2001.

MALHEIROS, Isaac. Expição, na terra ou no céu? O conceito de expiação celestial em Hebreus. **Kerygma**, v. 12, n. 2, p. 73-103, 2016.

MIRA, Caio; CUSTÓDIO, Kátiuscia. O que traz o senhor aqui: uma análise semiolinguística do discurso sobre a doença de Alzheimer. **Forum linguistic**, v. 15, n. 3, p. 3136-3152, 2018.

MOUL, Renato Araújo Torres; SÁ, Risonilta Germano; CARNEIRO-LEÃO, Ana Maria dos Anjos. Análise semiolinguística do discurso de estudantes de licenciatura: expressões de uma abordagem sistêmico-complexa em biologia. **Dynamis**, v. 25, n. 1, p. 3-25, 2019.

MÜLLER, Ênio. O método histórico-crítico – uma avaliação. In: FEE, Gordon; STUART, Douglas (Orgs.). **Entendes o que lê?** 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 237-318

NASCIMENTO, Sidnei Francisco. Orígenes, alegoria, exegese: a procura de uma hermenêutica e de um método investigativo. **Peri – Revista de Filosofia**, v. 9, n. 1, p. 64-80, 2017.

NTLH. **Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

OTTO, Eckart. **A lei de Moisés**. Tradução de Monica Otterman. São Paulo: Loyola, 2011.

PURY, Albert de (Org.). **O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RENDTORFF, Rolf. **A fórmula da Aliança**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia Anotada**. Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SCHREINER, Josef; DAUTZENBERG, Gerhard. **Forma e exigências do Novo Testamento**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Hagnos, 2008.

SKA, Jean Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da Bíblia**. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2003.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre Hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TEB. **Bíblia Tradução Ecumênica**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ME. RENATO ARAÚJO TORRES DE MELO MOUL
DR^{AND}O ARTHUR LEVY BRANDÃO KULLOK

VIRKLER, Henry. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. Tradução de Luiz Caruso. São Paulo: Vida, 2007.

VAN TIL, Cornelius. **Apologética cristã**. Tradução de Davi Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional